

## O LIVRO DIDÁTICO EM DISCUSSÃO: ELABORAÇÃO DE UMA PROPOSTA ALTERNATIVA

**Mizant Couto de Andrade**  
Bolsista PIBIC/CNPq

**Vânia Rúbia Farias Vlach**  
Prof. Dra. em Geografia Política

**RESUMÉ** - Dans le milieu académique professionnel, de nombreuses discussions privilégient le manuel scolaire qu'il soit du point de vue méthodologique ou en contenu. Dans certaines de ces discussions, le manuel scolaire est dit comme étant un des très étroits recours que le professeur dispose, au Brésil, pour la réalisation de son travail. D'un autres, c'est comme une imposition autoritaire du gouvernement et moyen d'homogénéisation. Cependant, nous percevons que la production académique de géographie, Qui passa à travers différents moments, générant réflexions au sujet des objets et manière de faire la géographie, est encore irréalisable pour l'enseignement fondamental, principalement pour les cycles élémentaires. Nous savons quela géographie contribue à ce que les élèves à comprendre et à interférer son expérience. L'étude dela géographie contribue à ce que les élèves comprennent leur position dans les relations de la société et celles établies dans la construction de l'espace géographique. Toutefois, il est nécessaire d'acquérir des connaissances, de dominer des concepts et des procédés basiques afin de pouvoir comprendre les relations socio-culturelles. C'est pouquoi, unissons nos effort, chercheurs, professeurs, élèves, pour trouver de nouvelles pratiques pédagogiques, de nouveaux matériaux pédagogiques et annexes dans lesquelles sont présentes l'observation, la description, l'expérimentation, l'analogie et la synthèse.

**Mots clés:** Enseignement, Géographie, Pratiques pédagogiques, Compréhension du monde.

### INTRODUÇÃO

No ensino fundamental, as Ciências Humanas são um dos elementos responsáveis pelo desenvolvimento de um ser dotado de consciência social. Assim, poderá compreender a sociedade em que vive como uma construção humana, e perceber-se-á como um agente social capaz de intervir na sociedade.

*“A presença das Ciências Humanas nas quatro séries iniciais do 1º Grau, através da disciplina História e Geografia, deve*

*garantir a iniciação do estudante nessa preparação mais ampla. Para isso é necessário assegurar para cada série um conhecimento significativo, ainda que introdutório, que possa ser utilizado pelo estudante ao longo de sua vida, na convivência com seus semelhantes, como um instrumento que lhe possibilite pensar sua realidade e melhor conhecê-la, para melhor atuar nela e se aposar dela, em vez de ser por ela engolido”.*

Assim, o mínimo de saber significativo provindo das Ciências Humanas que se pode deixar com alguém que tenha passado um ano pelos bancos escolares é o conhecimento de que “o homem é um ser construtor e criador que faz a sua construção através de sua ação, de seu trabalho sobre a

natureza, juntamente com outros homens, para garantir sua sobrevivência”.

O avanço possível nesse conhecimento, para quem permanece ao longo das séries iniciais do curso de 1º Grau é saber que *“a vida social construída pelo homem é construída ao longo das gerações, que essa reconstrução não significa, necessariamente, avanços ou melhorias (PENTEADO 1991)”*.

Nesse contexto, o estudo da Geografia possibilitará, aos educandos, a compreensão de sua posição no conjunto das relações da sociedade com a natureza, e as diferentes relações que são estabelecidas na construção do espaço geográfico.

Contudo, verificamos que a produção acadêmica de Geografia, que passou por diferentes momentos, gerando reflexões acerca dos objetos e métodos do fazer geográfico, ainda encontra-se aquém da realidade e necessidades do ensino fundamental, principalmente das séries iniciais. Sabemos que a Geografia pode levar o aluno a compreender e interferir no seu espaço de vivência de maneira consciente. Entretanto, é preciso que adquira conhecimento, domine conceitos e procedimentos básicos para que possa compreender as relações sócio-culturais.

Para tanto, faz-se necessário unir esforços: pesquisadores, profissionais do ensino,

alunos, na busca de novas práticas pedagógicas nas quais a observação, a descrição, a experimentação, a analogia e a síntese estejam presentes.

## **MÉTODO**

Nosso trabalho está dividido em três partes: método, resultado e discussão, e conclusão que chegamos durante o desenvolvimento da pesquisa.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento dessa pesquisa constitui-se de: levantamento bibliográfico; leitura e análise da bibliografia levantada; discussão teórico-metodológica; análise e comparação da proposta curricular de Geografia do Ensino Fundamental - Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia/1998 e dos conteúdos básicos de Geografia - Secretaria do Estado da Educação de Minas Gerais/1996; atividades alternativas para o ensino de Geografia no nível IV (antiga 4ª série do Ensino Fundamental).

## **RESULTADO E DISCUSSÃO**

A abordagem dos conteúdos geográficos apoia-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais que têm como função orientar o sistema nacional de ensino, socializando discussões, pesquisas, recomendações e subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros.

*“Os Parâmetros Curriculares Nacionais constituem o primeiro nível de concretização curricular. São uma referência nacional para o ensino fundamental; estabelecem uma meta educacional para a qual devem convergir as ações políticas do Ministério da Educação e do Desporto, tais como os projetos ligados à sua competência na formação inicial e continuada de professores, à análise e compra de livros e outros materiais didáticos e à avaliação nacional. Têm como função subsidiar a elaboração ou a revisão curricular dos Estados e Municípios, dialogando com as propostas e experiências já existentes, incentivando a discussão pedagógica interna das escolas e a elaboração de projetos educativos, assim como servir de reflexão para a prática de professores” (PCNs, 1997).*

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) não devem ser encarados como uma proposta única para todo o país, visto que os Estados e Municípios devem apoiar-se nessa proposta e, a partir dela, planejar sua política educacional atendendo, assim, à diversidade sócio-cultural de cada região. Portanto, os PCNs e as propostas das Secretarias de Estado devem ser vistos como material de apoio para a elaboração da proposta educacional dos Municípios, bem como de cada escola.

No ano de 1998, educadores que atuam de 1º a 4º séries na Rede Municipal de Ensino de Uberlândia participaram do projeto “Definindo Caminhos”, do qual resultou a Proposta Curricular da Secretaria Municipal de Educação/Uberlândia (SME), que passaremos, simultaneamente, a analisar e complementar com sugestões de conteúdos que podem ser explorados nessas séries.

## **Comparação entre os conteúdos da SEE/MG e da SME/ Uberlândia**

De acordo com a Proposta Curricular da SME/Uberlândia e dos Conteúdos Básicos da SEE/MG, visualizamos os conteúdos e as diferenças de cada proposta, as quais devem ser seguidas pelos professores de cada rede de ensino (cf. Tabela 01).

No entanto, os livros oferecidos para serem utilizados pelos alunos e professores não contemplam as necessidades dos cidadãos do Município, pois reproduzem a proposta do Estado. Através de duas pesquisas realizadas no ano de 1998 e 1999, com o corpo docente da Escola Municipal Prof<sup>a</sup>. Cecy Cardoso Porfírio<sup>1</sup>, podemos visualizar essa problemática. Dentre os principais dados levantados nas referidas pesquisas queremos destacar:

### **Questionário 1**

No primeiro questionário aplicado por nós em 1998, dos 37 professores que responderam, 34 são do sexo feminino, 3 do sexo masculino e as idades variam entre 18 e 50 anos.

Ao se pedir ao professor para considerar a sua atuação enquanto educador, em relação ao tema Meio Ambiente, 78,4% responderam que

---

<sup>1</sup> Projetos: ANDRADE, Mizant Couto. **O meio como recurso didático:** uma proposta para o ensino fundamental; NOVAES, Inia Franco. **A prática da Geografia** Alfabetização para a compreensão do mundo

consideravam-se aptos para trabalhar com esse tema; 21,6% afirmaram que apenas em parte estão preparados para tal tarefa.

**Tabela 01** - Comparação entre os Conteúdos Básicos da SEE/MG e a Proposta Curricular da SME/Uberlândia para as séries iniciais do Ensino Fundamental

<b>NÍVEL/SÉRIE</b>	<b>SEE/MG</b>	<b>SME/Uberlândia</b>
I (antiga 1ª série ou ciclo básico de alfabetização)	1 - Do espaço do corpo ao espaço da vivência próximo 1.1 - O autoconhecimento no conhecimento do outro 1.2 - Produção e organização da vida (sala de aula/escola/moradia e entorno)	1 - O espaço do corpo e o espaço de vivência da criança 1.1 - Como eu sou 1.2 - Eu e os outros 2 - As necessidades da criança 2.1 - O que se precisa para viver 3 - A criança e o seu espaço 3.1 - A casa 3.2 - A escola
II (antiga 2ª série ou ciclo básico de alfabetização)		1 - As diferentes formas de organização do espaço de vivência da criança (bairro/distrito/povoado) 1.1 - Aspectos da natureza 1.2 - Espaços ociosos
III (antiga 3ª série)	1 - A produção/organização do espaço de vivência maior: bairro 1.1 - As atividades econômicas e a produção desse espaço 2 - Recursos naturais: modificação/transformação e conservação 3 - A circulação, distribuição e consumo 4 - O privado e o público 5 - A organização/administração	1 - Espaço geográfico de vivência da criança cidadã: Uberlândia 1.1 - O espaço de produção em Uberlândia hoje 1.1.1 - O espaço da produção na cidade 1.1.2 - O espaço de produção no campo
IV (antiga 4ª série)	1 - A inserção dos espaços de vivência na cidade 1.1 - A industrialização ligando e influenciando os diversos espaços 2 - A relação cidade-campo 3 - Identificando semelhanças: a construção da região - elementos comuns da produção da sobrevivência e suas repercussões na organização das relações 4 - A organização político-administrativa e a estruturação do município	1 - Espaço geográfico de vivência na região e no estado de Minas Gerais 1.1 - Localização 1.2 - A circulação de mercadorias e pessoas 1.3 - As informações 1.4 - A cultura 1.5 - As atividades econômicas na região e no estado 1.6 - Outras atividades (mineração/diversos serviços)

		1.7 - A água 1.8 - A atmosfera 1.9 - O relevo
--	--	---

Contudo, 7 professores apontaram a falta de material didático como um dos maiores problemas pedagógicos para se trabalhar o tema “meio ambiente” na escola; 5 afirmaram ser a falta de espaço físico; 2 a falta de conteúdo teórico; 17 professores marcaram mais de uma resposta; e 2 não responderam; 4 afirmaram:

- *Falta tempo para desenvolver um bom trabalho.*
- *Carência de mapas.*
- *Falta de tempo para extrapolar as atividades.*
- *Falta o (sic) trabalhar esse tema de modo transversal em relação à outros temas.*

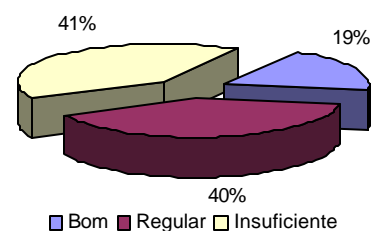
Para compreendermos a relação entre práticas pedagógicas e meio ambiente, questionamos a qualidade dos livros didáticos voltados para o ensino fundamental.

Obtivemos as seguintes respostas: 7 professores afirmaram que os livros são bons; 15 disseram que são regulares; e 15 afirmaram que são insuficientes para auxiliar o trabalho pedagógico.

Em suma, 24 professores disseram que gostariam que fosse melhorado o conteúdo teórico desses livros utilizados; 4 gostariam que fossem melhoradas as ilustrações dos livros; 7 professores marcaram mais de uma resposta; um não respondeu; e um professor respondeu: “A transversalidade dos temas, que aliás, não existe”

**Gráfico 1**

Qualidade dos livros didáticos para o ensino fundamental



FONTE: Pesquisa direta - 1998

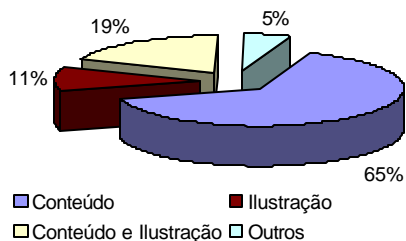
No momento em que perguntamos qual agente (governo, Secretaria da Educação, direção escolar, professor) é o mais adequado para escolher o livro didático a ser utilizado por sua escola, as respostas foram unânimes, 36 apontaram o próprio professor como o mais indicado para essa tarefa. Apenas um, dentre os outros, indicou mais de um agente.

Por intermédio das respostas dadas às nossas perguntas, podemos considerar que os professores, em geral, ressentem-se por não disporem de condições teórico-estruturais apropriadas para a realização de suas atividades pedagógicas, principalmente as relativas ao meio ambiente.

Percebemos, também, o desejo de participação na escolha dos materiais a serem utilizados no processo ensino-aprendizagem, como por exemplo, a escolha do livro didático, e o anseio pela busca de alternativas para a crise educacional, com vistas a uma melhoria na qualidade do ensino (cf. Gráfico 2).

**Gráfico 2**

O que deve ser melhorado nos livros didáticos segundo o corpo docente



FONTE: Pesquisa direta - 1998

## Questionário 2

Ainda em 1998, Ínia Franco de Novaes aplicou 28 questionários aos professores regentes das séries iniciais do Ensino Fundamental; destes 19 foram devolvidos respondidos.

Todos os professores são do sexo feminino. Dentre as 19 professoras, 21% têm entre 20 e 25 anos, 31,5% entre 25 e 30 anos, 31,5% têm entre 30 e 35 anos, 10,5% têm entre 35 e 40 anos e 5,5% têm idade entre 40 e 45 anos.

Quando questionamos o papel da Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental, todas as professoras afirmaram que a disciplina é importante, e apresentaram os seguintes argumentos:

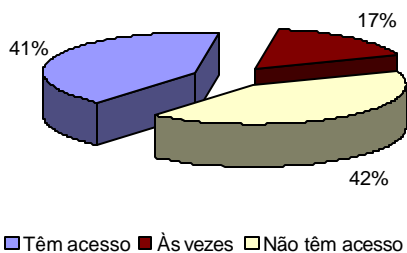
- a Geografia está ao redor das crianças, onde quer que elas vão;
- o ensino da Geografia é importante para que as crianças entendam e tenham uma melhor visão do espaço;
- a disciplina pode desenvolver nos alunos a noção do espaço, percebendo as mudanças que ocorrem ao seu redor e que vão sendo provocadas pelo homem e pela natureza;
- proporciona aos alunos condições para o exercício da convivência social, como indivíduo e cidadão. É importante também para que as crianças tenham noções básicas e essenciais de Geografia para que valorizem os conteúdos que mais tarde serão aprofundados.

Quanto ao acesso aos materiais didáticos para preparar e desenvolver as aulas de Geografia, 41,5% das professoras afirmam ter acesso a materiais como livros didáticos, mapas, globo, enciclopédias, fitas de vídeo e jomais que possibilitam trabalhar a realidade dos alunos, e 16,5% disseram que, às vezes, têm acesso a algum material e que sempre trazem algo de casa, pois os livros disponíveis na biblioteca da escola estão desatualizados. Porém, 42% afirmam não ter acesso a materiais didáticos que possibilitem um melhor embasamento teórico para desenvolver as aulas (cf. Gráfico 3).

Como consequência, a qualidade do ensino é prejudicada. As pesquisas bibliográficas não resolvem suas dúvidas, pois a maioria dos livros didáticos deixa muito a desejar, ou então, está desatualizada.

**Gráfico 3**

Nível de acesso dos professores a materiais didáticos



FONTE: NOVAES (1998)

Os livros didáticos utilizados pelos professores como referência para preparar e desenvolver as aulas de Geografia são:

Alegria de Saber, Realidades Mineiras, Descobrimdo e construindo o Brasil, Geografia em questão, que podem ser mais bem visualizados na Tabela 2.

Quando o assunto é discutir as dificuldades encontradas para desenvolver as aulas de Geografia, as professoras responderam que faltam:

- materiais para as primeiras séries;
- referências bibliográficas;
- material didático principalmente para aulas mais práticas pois as aulas são muito teóricas;
- faltam pessoas preparadas para orientar o trabalho principalmente com mapas;
- faltam materiais e sugestões de atividades para realizar aulas extra-classe e tempo para planejar.

**TABELA 02**

Livros didáticos utilizados pelas professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental, 1998

NÍVEL	LIVRO	AUTOR(A)	EDITORA
I	Descobrimdo e Construindo o Brasil	Rejane Figueiredo Ailton Moreira Cleuso Damasceno	Lê
II	Geografia em questão	Maria da Conceição Lemos	Dimensão
III	Descobrimdo e construindo o Brasil	Rejane Figueiredo Ailton Moreira Cleuso Damasceno	Lê
	Realidades Mineiras Alegria de Saber	Maria de Freitas Chagas Lucina Passos Albani Fonseca Marta Chagas	FTD Scipione

IV	*	*	*
----	---	---	---

FONTE Novaes, 1998

\* As professoras não citaram nenhuma bibliografia que sirva de referência para o nível IV.

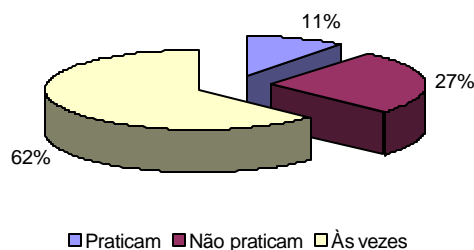
Segundo as professoras, as facilidades encontradas para ministrar os conteúdos de Geografia são:

- *aborda assuntos que retratam o meio em que os educandos estão inseridos e assim eles compreendem e se interessam mais pelos conteúdos;*
- *propicia uma diversidade de meios para trabalhar os temas geográficos associados a outras matérias;*
- *meio ambiente torna-se um recurso didático rico, porém, a dificuldade é saber utilizar essas vantagens que a Geografia proporciona.*

Quando o assunto é relacionar os conteúdos geográficos com outras disciplinas, 10,5% afirmam que não relacionam os conteúdos, 26,5% às vezes relacionam e 63% os relacionam com outras disciplinas, como Ciências, História, Português, Matemática e Artes.

#### Gráfico 4

Relação da Geografia com as demais disciplinas



FONTE: NOVAES (1998)

De uma forma geral, as professoras procuram relacionar a Geografia com outras disciplinas, mas existem ainda muitas dúvidas quanto à maneira de se trabalhar os conteúdos programáticos de forma integrada.

Ainda, como fonte para comparações, destacamos o questionário aplicado à Escola Municipal Professor Eurico Silva por Suely Aparecida Gomes no ano de 1999<sup>1</sup>.

#### Questionário 2

Foram entregues questionários para todos os professores de Geografia dessa escola, em um número total de 06 (seis).

Com relação à fundamentação teórica, todos os professores responderam que procuram



estar sempre se atualizando através de cursos, revistas, jornais, noticiários de TV e rádio e troca de experiências, entre outros. Porém, nenhum respondeu que está preparado para usar a *internet* como meio de informação.

Quando perguntamos aos professores a respeito dos recursos didáticos que utilizam em sala de aula, a maioria respondeu que usam atlas, mapas, fitas de vídeo, jornais e livro didático. A escola ainda não dispõe de computadores para uso dos alunos.

Todos os professores responderam que utilizam o livro didático para preparar as aulas porque, segundo eles, é um referencial para o aluno “*é o livro didático que os alunos possuem*”. Mas não se limitam a este recurso: “*trabalho de acordo com a necessidade da sala e conteúdo do livro*”.

Todos os professores disseram que participam da escolha do livro didático. Porém, “*não é bem uma escolha, pois você escolhe um, e aparece (sic) livros diferentes na escola...*”. No ato da escolha do livro didático, a maioria dos professores respondeu que priorizam o conteúdo, a linguagem e as ilustrações, e considera que “*a metodologia somos nós que criamos*”. Uma professora disse que, além disso, ela leva em consideração se o texto do livro

didático é coerente com a realidade do mundo.

Todos os professores gostariam que fosse melhorados o conteúdo e a linguagem dos livros didáticos: “*para facilitar o entendimento do aluno de acordo com a idade e a realidade*”. Responderam que utilizam o livro didático em sala de aula porque ele é o único material que o aluno possui: “*os alunos não podem pagar xerox (sic) de todos os textos complementares, quando é possível utilizamos o mimeógrafo e quando a escola fornece, xerocamos o material complementar*”.

Os professores de 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries consideram o livro didático usado na escola inadequado, uma vez que “*o aluno não conhece nem sua própria realidade, se sente desmotivado para o estudo de nações que nem imagina conhecer*”. Os professores avaliam que os conteúdos destas séries estão distantes do aluno e que os conteúdos sobre os outros países deveriam sempre ser comparados com a realidade brasileira.

Constatamos que o livro didático é adquirido e utilizado sem preocupação quanto à qualidade do seu conteúdo e metodologia. O professor mostra não ter condições de utilizá-lo de uma maneira crítica; pensamos que isso reflete sua formação, geralmente precária.

---

<sup>2</sup> MOREIRA, Suely Aparecida Gomes. A qualidade do ensino de Geografia na Escola Pública de Uberlândia: a experiência da E.M. Prof. Eurico Silva

Percebemos que com os conteúdos geográficos, essa situação se repete, e se agrava, dada a desvalorização da ciência imposta pelo governo, que não oferece livros didáticos de Geografia aos alunos, mas somente alguns exemplares para os professores realizarem consultas e planejarem suas aulas.

### **3.2 - Análise e sugestões feitas a Proposta Curricular da SME/Uberlândia**

Apesar de lhes fazermos restrições, não ignoramos os PCNs, cuja função é orientar o sistema nacional de ensino, socializando discussões, pesquisas, recomendações e subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros.

Os PCNs subsidiam as aulas apresentando os objetivos educacionais a serem seguidos, e não conteúdos fechados que repetem as idéias tradicionais. Os conteúdos fechados não valorizam as especificidades dos grupos sociais.

Essa nova proposta, se bem organizada, oferece ao professor maior liberdade, e ele não se torna um mero reproduzidor dos interesses das classes sociais dominantes.

Porém, a nosso ver, os PCNs não devem ser encarados como uma proposta única para todo o país, visto que os Estados e Municípios devem, a partir desse documento, planejar sua política

educacional atendendo, assim, à diversidade sociocultural de cada região. Portanto, os PCNs devem ser encarados como material de apoio para a elaboração da proposta educacional dos Municípios, bem como de cada escola.

No ano de 1998, educadores que atuam de 1º a 4º séries na Rede Municipal de Ensino de Uberlândia participaram do projeto “Definindo Caminhos”, do qual resultou a Proposta Curricular da Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia. Porém, consideramos que os conteúdos deveriam ser definidos de acordo com a necessidade de cada escola.

“O projeto educacional expresso nos Parâmetros Curriculares Nacionais demanda de uma reflexão sobre a seleção de conteúdos, como também uma ressignificação, em que a noção de conteúdo escolar se amplia para além de fatos e conceitos, passando a incluir procedimentos, valores, normas e atitude” (PCNs, 1997).

A Proposta Curricular da (SME/Uberlândia) deve ser analisada e criticada pelo professor para que ele organize as suas aulas em forma de temas atendendo à realidade dos seus alunos.

O mundo não está desvinculado da realidade; da mesma forma, a escola também não, o local e o global se fundem.

Diante da crise social que a nossa sociedade enfrenta, da falta de empregos e de oportunidades, devemos questionar: ensinamos para as provas de vestibular, ou ensinamos para a vida? Afinal, a inserção social dos alunos, a prática da cidadania é, sem dúvidas mais significativas para a dinâmica da escola, e seu papel social.

As dificuldades dos docentes da Escola Municipal Profa. Cecy Cardoso Porfírio, nos motivaram a organizar atividades alternativas para o ensino de Geografia no nível IV (antiga 4<sup>o</sup> série) do Ensino Fundamental.

Organizamos e realizamos as atividades com a bolsista Ínia Franco de Novaes que, em seu projeto<sup>2</sup>, privilegia a aprendizagem de Geografia nas séries iniciais, voltando-se para uma pedagogia libertadora.

Procuramos apresentar atividades que desenvolvem os conceitos geográficos priorizando a observação, e a análise do meio onde o educando está inserido, e uma crítica dos problemas ambientais locais.

Nesse contexto escolar dinâmico, encontram-se múltiplas e diferenciadas formas de se ensinar Geografia, o que nos mostra que ensinar esta disciplina envolve conhecimentos e opções teórico-metodológicas.

No Brasil, o ensino de Geografia passa por constantes conflitos. Em 1969, através de um decreto lei, o governo militar criou as licenciaturas curtas de Estudos Sociais, que preparavam professores com formação deficiente.

Na mesma época, em todos os graus de ensino foram acrescentadas as disciplinas Educação Moral e Cívica (EMC) e Organização Social e Política Brasileira (OSPB), que ocuparam uma parte da carga horária destinada às aulas de Geografia e História, e tinham o objetivo de reproduzir os ideais nacionalistas.

A lei 5692/71 reformava o ensino conforme o modelo educacional norte-americano, diminuindo o espaço para as Ciências Sociais, privilegiando o ensino técnico-profissionalizante, criou os Estudos Sociais, que encamparam o ensino de Geografia e História no 1<sup>o</sup> grau também com objetivos nacionalistas.

A resolução nº 7 do Conselho Federal de Educação editada em 1979, mantinha os Estudos Sociais, mas dava abertura para que se ministrasse aulas de Geografia e História, separadamente. Assim, durante a década de 80, escolas de diferentes Estados do Brasil reintroduziram estas disciplinas. Na década de 90, isso também começou a acontecer de 1<sup>o</sup> a 4<sup>o</sup> séries.

---

<sup>2</sup> Projeto de Pesquisa: "Alfabetização Cartográfica: elaboração de material alternativo" - PIBIC/CNPq/UFU

Em 1996, com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), o Ministério da Educação tentou unir novamente as disciplinas de Geografia e História. Porém, pareceres contrários, que entendem que as duas disciplinas possuem objetos de estudos distintos, impediram que o projeto se concretizasse, mantendo-as separadas dando a cada uma o seu devido espaço no currículo escolar.

A Geografia, relegada a um segundo plano com a instituição dos Estudos Sociais, é, a partir da Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9394/96) e dos PCNs, reconhecida como disciplina que tem objeto de estudo definido, não devendo ser compreendida como um apêndice de outras disciplinas.

Nessa perspectiva, escolhemos o nível IV (antiga 4ª série) do Ensino Fundamental, para realizarmos atividades alternativas para o ensino de Geografia, preocupadas com a falta de referências bibliográficas para os professores, a falta de preparo dos professores para orientar o trabalho com mapas e a ruptura que ocorre entre as quatro primeiras séries e a 5ª série.

Os alunos sentem dificuldades em adaptar-se a essa nova fase educacional, pois as disciplinas passam a ser tratadas por professores diferenciados e o grau de exigência, na maioria das vezes, torna-se maior.

Nossa proposta baseia-se no referencial teórico-metodológico dos princípios da Pedagogia Libertadora que busca uma educação crítica a serviço das transformações sociais, econômicas e políticas, tendo em vista a superação das desigualdades existentes no interior da sociedade, na vertente da Geografia Crítica, que procura levar o educando a desenvolver a observação, e análise do espaço a alfabetização geográfica.

A cartografia contribui também para a formação do cidadão, pois é através dela que o aluno é capaz de observar e interpretar imagens que valem como textos elaborados.

Mapear e interpretar são uma necessidade de todos, e, nas séries iniciais, é a oportunidade de representar o mundo inclusive a partir dos desenhos, tão próximos da realidade das crianças.

De acordo com a professora regente, os alunos do nível IV têm necessidade de compreender melhor os procedimentos e métodos cartográficos.

Nessa perspectiva, elaboramos um material didático alternativo para o ensino de Geografia no nível IV (antiga 4ª série) do Ensino Fundamental, tendo em vista atender a realidade dos professores e alunos do Município, no entanto, devido ao espaço limitado para a publicação do artigo não foi possível apresentá-lo na íntegra. Porém,

entregamos uma cópia para ser utilizada pelos professores da Escola Municipal Professora Cecy Cardoso Porfírio nosso campo de pesquisa.

#### a) Primeiro momento

Nos apresentamos e explicamos o motivo da nossa presença na escola. Realizamos questionamentos a respeito dos mapas, sua importância e utilização; elaboração de uma atividade para a construção da noção de representação espacial (visão cima/ oblíqua).

Os alunos fizeram um desenho em folha de papel sulfite, representado a mesa que ocupam, vista de frente e de cima conforme a observação de cada um, tendo como objetivo constatar as diferentes formas que cada aluno utilizou ao representar o que foi proposto.

Os alunos fizeram um desenho em folha de papel sulfite, representado a mesa que ocupam, vista de frente e de cima conforme a observação de cada um, tendo como objetivo constatar as diferentes formas que cada aluno utilizou ao representar o que foi proposto.

#### b) Segundo momento

Apresentamos diversos mapas de localização: localização do bairro Mansour no mapa da cidade de Uberlândia, localização da cidade de Uberlândia no mapa do estado de Minas Gerais, localização do estado de Minas Gerais no

mapa do Brasil, localização do Brasil no mapa da América do Sul, localização do continente sul-americano no planisfério e/ou globo terrestre.

Questionamos sobre qual dos mapas foi visto a partir de uma distância maior? O que aconteceu com a clareza dos detalhes? O Objetivo era fazer os alunos perceberem que:

- Quando se faz a representação gráfica de um espaço, este sempre vai se representar de forma reduzida em relação ao seu tamanho real e despertar e desenvolver no aluno a noção de proporção;
- perceber que um mesmo espaço pode ser representado em tamanhos diferentes (Compamos os desenhos para verificar quem reduziu mais, ou menos, o tamanho real da sala de aula e seus elementos);
- desenvolver a noção de limite, fronteira; o aluno deverá concluir que os mapas representam graficamente, espaços vistos da perspectiva do alto, com seu tamanho reduzido.

#### CONCEITO

Mapas são símbolos; são representações parciais da realidade; representam, graficamente, espaços vistos do alto, com seus tamanhos reduzidos

#### c) Terceiro momento

Utilizamos a poesia “Tive um sonho”, do autor Ricardo Azevedo, através da qual conversamos sobre cinco sentimentos: vontade, medo, sonho, saudade, esperança. Pedimos que fizessem um desenho que

representasse os seus sentimentos e escolhessem uma cor para cada um deles. A partir dessa atividade, construímos a legenda dos sentimentos.

### CONCEITO

Tive um sonho. Dormindo estava sonhando. Sonhei que tinha sonhado. No sonho estava dormindo, sonhando estar acordado.

*Ricardo Azevedo*

#### d) Quarto momento

Tendo em vista as atividades desenvolvidas anteriormente, fomos construindo com os alunos os conceitos de mapas e as noções de escala. Constataram que podemos representar em uma folha de papel sulfite tanto uma formiga, quanto um elefante. Assim, os alunos concluíram que o espaço pode ser representado seguindo convenções cartográficas, que contribuem para a leitura e compreensão de diferentes representações.

#### e) Quinto momento

Iniciamos as atividades de orientação: pontos cardeais e colaterais com a confecção da Rosa-dos-Ventos. A partir daí, conversamos sobre a importância de sabermos nos orientar.

Para desenvolver a capacidade de orientação e observação, realizamos na sala de aula atividades práticas e atividades lúdicas criadas por nós e, algumas, foram extraídas do livro “Para ensinar Geografia”, Editora: ACCESS - Trabalhando com mapas, p.11-32, procurando assim, colocar em prática os

conceitos e informações trabalhadas em sala.

#### Atividade de orientação em um mapa pelos pontos cardeais e colaterais

Utilizando o mapa do bairro Mansour, responda:

Onde você mora?

Moro rua \_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_, minha casa faz parte do conjunto de casas do bairro \_\_\_\_\_. Em minha rua existem outras casas, \_\_\_\_\_, etc.

A rua onde moro cruza com a rua \_\_\_\_\_ e com a rua \_\_\_\_\_. Pela manhã, o Sol bate \_\_\_\_\_ (à esquerda, à direita, de frente, atrás) da minha casa.

#### Trabalhando com a rosa dos ventos

O objetivo era despertar no aluno a necessidade de orientação no espaço, partindo da localização do próprio aluno de sua necessidade de deslocamento, até os meios de transporte como avião, navio, etc.

Levar o aluno a compreender os pontos cardeais tomando sempre a posição do sol e o local onde o aluno estiver (seu próprio corpo) como pontos de referência. Os alunos foram levados a marcar com um giz, no chão da sala de aula, os quatro pontos cardeais.

#### Trabalhando com legendas

Utilizando o mapa feito pelos alunos da sala de aula, pedimos que criassem uma legenda própria. Depois fizemos as perguntas abaixo

que tinha como objetivo despertar no aluno a necessidade de outros pontos de orientação (explicação dos pontos colaterais:

- Qual a direção que o aluno X tomaria se quisesse sair do seu lugar e ir até a mesa do professor pela caminho mais curto?
- quais as direções que o aluno A tomaria para sair da sala pelo caminho mais curto, partindo do seu lugar?

#### ATIVIDADE: Campo de Futebol

- Observe o jogo de futebol e complete os espaços com os pontos cardeais e colaterais

**ATENÇÃO:** Observar a posição do Sol - são 6 horas da tarde

A) Se o Renato jogar a bola para o Marcos, ele chutará na direção \_\_\_\_\_;

B) Se o Renato atrasar a bola para o João, ele vai chutá-la na direção \_\_\_\_\_;

C) Se a jogada for Marcelo-José-Ricardo, a bola irá primeiro na direção \_\_\_\_\_ e depois tomará a direção \_\_\_\_\_;

D) Se o Marcelo ganhar a bola e quiser atrasá-la para o Paulo, ele chutará na direção \_\_\_\_\_;

E) Se o Marcelo foi o craque e marcou um golão no “frangueiro” do Carlos, ele chutou na direção \_\_\_\_\_.

#### TRABALHANDO SO COM PONTOS LATERAIS E COLATERAIS

- Com o auxílio de folhas de papel-cartão (30 cm X30 cm) escrevemos os pontos cardeais e colaterais: norte, sul, leste, oeste, noroeste, nordeste, sudeste, sudoeste e a palavra Sol. Ao colocarmos o papel com a palavra Sol em uma determinada posição na sala de aula, afirmávamos que naquele momento do dia era 6 horas da manhã ou seis horas da tarde. A partir daí pedíamos ao aluno que colocasse os restante das folhas na posição correta em relação ao Sol. Depois pedíamos para que o restante da sala verificasse se a posição dos cartões estava correto ou não. A riqueza da brincadeira consistiu na troca de informação entre os alunos (técnica do cochicho), enquanto o colega realizava a atividade os demais verificavam e discutiam entre si a posição dos cartões. Caso estivesse errado, a criança que identificasse o erro deveria mudar a posição das folhas com os pontos cardeais e colaterais, passando a ocupar a posição do colega anterior, porém, cada vez que uma criança iniciava um novo jogo trocávamos a posição e o horário do Sol, de maneira a evitar que os alunos decorassem a posição dos pontos cardeais e colaterais, estimulando, assim, o seu raciocínio.

#### 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

No meio acadêmico-profissional, inúmeras discussões privilegiam o livro didático, seja do ponto de vista metodológico, ou do conteúdo.

Em algumas dessas discussões, o livro didático é tido como um dos poucos recursos de que o professor, no Brasil, dispõe para a realização do trabalho docente. Na realidade, ele torna-se fonte exclusiva de informação de muitos. Em outras, é visto como uma imposição autoritária do governo sobre os professores, e como meio de homogeneização da sociedade.

Através deste projeto de pesquisa, constatamos a grande insatisfação dos profissionais do ensino fundamental em relação ao material didático disponível e proposta para os conteúdos de Geografia, principalmente para as séries iniciais. Por vezes, as críticas feitas pelos professores referem-se à falta de conteúdo das cartilhas aprovadas pelo governo e utilizadas na escola. Outras vezes, critica-se as limitadas ilustrações, as falhas nas propostas pedagógicas, e as diferenças entre o projeto pedagógico da escola e o conteúdo dos livros adotados.

Tanto os Parâmetros Curriculares Nacionais (apontam objetivos a serem alcançados e não conteúdos a serem ministrados em sala de aula), quanto os Conteúdos Básicos do Estado de Minas Gerais (SEE) dão autonomia às regiões para que elaborem suas propostas municipais de ensino, levando em consideração suas particularidades. Essa postura, apesar de democrática, agrava os problemas já citados, visto que os livros didáticos não consideram

as propostas municipais, nem abordam as especificidades de cada região, como é o caso da cidade de Uberlândia.

Levando-se em consideração apenas os conteúdos geográficos, o problema torna-se ainda mais grave, pois as informações contidas nos livros são reduzidas e, por vezes, a formação do professor é limitada.

No entanto, verificamos que o professor das séries iniciais que, sem apoio técnico e teórico, continuou e continua, de modo geral, a ensinar Geografia apoiando-se apenas na descrição dos fatos e ancorando-se quase que exclusivamente no livro didático. Observa-se que o ensino de Geografia apresenta problemas tanto de ordem epistemológica e de pressupostos teóricos como outros referentes à escolha dos conteúdos” (PCNs, 1997).

A partir dessa análise, acreditamos que uma maneira de reverter esse quadro é investir na formação do professor, pois ele conhece a realidade em que o seu aluno está inserido, e pode trabalhar a partir dela. Nesse sentido a Geografia pode e deve contribuir para a formação desse aluno: observar, interpretar, descrever, e analisar o mundo contribuem para que o aluno possa fazer, desde as séries iniciais, uma leitura crítica dessa realidade social, pois a Geografia é uma ciência que analisa as transformações do espaço, e possibilita ao aluno analisar criticamente as



questões sociais que marcam cada momento histórico

Outra forma de contribuir com o trabalho docente é investir na melhoria e na criação de novos livros didáticos e de paradidáticos, que privilegiem a Geografia nas séries iniciais, e considerem a nossa região, apresentando formas alternativas de se trabalhar os conteúdos geográficos em sala de aula. Para tanto, é necessário que as universidades, os profissionais da área do ensino, os pesquisadores, as prefeituras, unam-se em um esforço comum para não apenas buscar práticas pedagógicas que desenvolvam a capacidade de observação, de descrição, de experimentação, e de síntese, mas, também, para a criação de novos materiais didáticos que auxiliem o professor a realizar o seu papel, propiciando, assim, alternativas para a superação da crise educacional brasileira.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, M. A melhoria do Ensino nas 1º séries: enfrentando o desafio. São Paulo: EDUC, 1987. 111 p.

ALMEIDA, R. D. Repensando o ensino: O espaço geográfico, ensino e representação. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1991. 90 p.

BRANDÃO, C. R. O que é educação. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. 116 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: História, Geografia. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARRIJO, S. M. P. Ler e escrever: Produção de Conhecimento. In VEIGA, I. P. A.; CARDOSO, M. H. F. (orgs.). Escola fundamental: currículo e ensino. Campinas: Papirus, 1991. p 99-111.

FERREIRO, E. Reflexões sobre alfabetização. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. 110 p.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa. 5.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987. 165 p.

GOULART, Í. Fundamentos teóricos. Aplicações à prática pedagógica. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 163 p.

KOZEL, S; FILIZOLA, R. Didática de Geografia: memórias da Terra: o espaço vivido. São Paulo: FTD, 1996. 109 p.

LANDO, A. Cidadania: dos conceitos à realidade brasileira. Educação Brasileira, Brasília, ano 15, n. 30, 1993. p. 11-23,

PENTEADO, H. D. Metodologia do ensino de História e Geografia. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1994. 187 p.

\_\_\_\_\_ Meio ambiente e formação de professores. São Paulo: Cortêz, 1994, 119 p.

PIZZI, L. C. V. Avaliação escolar e (in)disciplina. Ensino em Re-vista, Uberlândia, vol. 02, nº01, p. 69-71, jan./dez.1993

REIGOTA, Marcos. Meio ambiente e representação social. 2 ed. São Paulo: Cortêz, 1997. 87 p.

RINDERKNECHT, P., AGUIRRE, L. P., Brincadeiras para toda hora. 3.ed. São Paulo: Paulinas,1992. 152 p.

RUA, J.; WASZHIZVICUS, A.F.; TANNURI, M.R.P.; NETO, H.P. Para ensinar Geografia. Rio de Janeiro, RJ: ACCESS, 1993. 309 p.

Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia. Proposta Curricular. Áreas: História e Geografia Ensino Fundamental. Uberlândia: S.M.E., 1998. 9 p.

Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais. Conteúdos Básicos (Ciclo Básico de Alfabetização à 4<sup>a</sup> série do Ensino fundamental) Português, História e Geografia. Belo Horizonte: S.E.E., vol I, 1996. 160 p.

SILVA, E. M. M. O contexto de vida do aluno nas classes de alfabetização. Ensino em Re-vista, Uberlândia, vol. 02, n. 01, p.49-56, jan./dez.1993.

VESENTINI, J. W. Para uma Geografia crítica na escola. São Paulo: Editora Ática, 1992. 135 p.

\_\_\_\_\_. O ensino de Geografia no final do século XX. São Paulo: Ática, 1996.

VLACH, Vânia Rúbia Farias. Geografia em construção. LÊ: Belo Horizonte, 1991.

\_\_\_\_\_. Geografia em debate. Belo Horizonte: LÊ, 1990. 104 p.